



## **INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UMA ESCOLA PÚBLICA E MUNICIPAL DE BELÉM<sup>1</sup>**

**Igor Melo Soares**

*Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia  
Universidade Federal do Pará (UFPA)*

**Flavia Cristina Pereira da Silva**

*Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia  
Universidade Federal do Pará (UFPA)*

**Genylton Odilon Rêgo da Rocha**

*Professor Doutor  
Universidade Federal do Pará (UFPA)*

### **RESUMO**

Esse trabalho consiste em um relato de experiência que se refere à Inclusão escolar de uma criança com transtorno do espectro autista em uma escola pública e municipal de Belém. Com isso, este texto tem como finalidade relatar a inclusão e a prática pedagógica do aluno com TEA, realizado na sala regular. Esse acompanhamento foi feito por dois bolsistas do grupo de estudo e pesquisa sobre currículo e formação de professores na perspectiva da inclusão “INCLUDERE”, que tem como projeto a: Formação de professores para uma escola inclusiva: ações colaborativas entre o ensino superior e a educação básica em municípios paraenses, financiada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa foi desenvolvida no período de março de 2017 a junho do mesmo ano. Nesse Relato foi realizada a pesquisa de caráter qualitativo e revisão bibliográfica e observação participante do aluno com TEA na sala regular, onde pudemos presenciar algumas mudanças na sala de aula a partir dos resultados das adaptações de conteúdo e trabalho de conscientização para a turma.

**Palavras-Chave:** Inclusão. PIBID. T.E.A.

### **INTRODUÇÃO**

Nesse presente trabalho iremos apresentar as ações que desenvolvemos enquanto bolsistas PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) por meio do grupo de estudo e pesquisa INCLUDERE, implantado na E.M.E.I.E.F ROTATY, pelo grupo de estudos e pesquisa sobre currículo e formação de professores para uma escola inclusiva: ações colaborativas entre o ensino superior e a educação básica em municípios paraenses, da Universidade Federal do Pará, coordenado pelo professor Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha.

Também iremos inicialmente apresentar os resultados da revisão bibliográfica que fizemos sobre o tema: Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista, e posteriormente iremos descrever as ações que realizamos enquanto bolsistas e que foram registradas durante as observações realizadas do mês de março ao mês de junho de 2017, em sala de aula da escola Rotary.



Como metodologia utilizamos a revisão bibliográfica de cunho qualitativo, que segundo Fonseca (2002, p. 31-32) serve para quem está “procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta”, e também observação participantes que, segundo Moreira (2002, p.52) é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

## **CONCEITUANDO A INCLUSÃO E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Ao se falar de educação inclusiva, precisamos entender como ela surgiu, e segundo Mrech (1998) foi nos Estados Unidos, durante o período pós-guerra, como uma política para minimizar os efeitos da guerra com propostas que visavam à valorização dos direitos do povo e a igualdade entre os mesmo. Por conseguinte, a pessoa com deficiência conseguiu finalmente ganhar o direito de ser integrada na escola regular.

É necessário agora pontuar o que é e como se trabalha uma proposta de inclusão dentro da escola regular. Sendo assim, entendemos que educação inclusiva segundo Glat, Pletsch e Fontes (2007) é pensar uma escola onde todos os alunos tem acesso permanente, sendo assim não havendo mecanismos de exclusão e superando barreiras encontradas na escola e na sua aprendizagem. Essas autoras também citam que existem três aspectos relevantes que uma escola inclusiva precisa ter:

[...] a) a presença do aluno na escola, substituindo o isolamento do ambiente privado familiar pela sua inserção num espaço público de socialização e aprendizagem; b) a sua participação efetiva em todas as atividades escolares, a qual não depende apenas de ‘estímulos’ de colegas e professores, mas do oferecimento de condições de acessibilidade e adaptações curriculares que se façam necessárias; e c) a construção de conhecimentos, função primordial da escola, e meta a ser perseguida durante o processo de inclusão - (AINSCOW apud GLAT; PLETSCHE; FONTES, 2004, p.2).

Isto é, para uma escola ser considerada inclusiva é necessário mecanismos que vão além da simples integração do aluno no espaço escolar, mas sim de uma adaptação curricular, que será feita pelo professor para prover a inserção produtiva do aluno com deficiência no processo de ensino e aprendizagem a qual ele será submetido pela escola.

Ainda sobre adaptações, a escola deve fazer adequações arquitetônicas também que visam à superação das dificuldades dos alunos com deficiência física. Isso está amparado pela portaria nº 1679 de 2 de dezembro de 1999 do ministério da educação, que diz o seguinte:

Art. 2º A Secretaria de Educação deste Ministério [...] estabeleceu os requisitos [...] - para alunos com deficiência física: eliminação de barreiras arquitetônicas para circulação do estudante, permitindo acesso nos espaços de uso coletivos, reserva de vagas nas em estacionamentos nas proximidades das unidades de serviço construção de rampas com



## ABAETETUBA-PA

corrimãos ou colocação de elevadores, facilitando a circulação de cadeiras de rodas, adaptação de portas e banheiros para permitir o acesso de cadeira de rodas; colocação de barras de apoio nas paredes dos banheiros; instalação de lavabos, bebedouros e telefones públicos em altura acessível aos usuários de cadeira de rodas –(BRASIL, 1999, p.25).

Sendo assim, vimos que a escola inclusiva também engloba qualquer aluno com dificuldade de física, que visa o pleno exercício da cidadania dos educando com e sem algum tipo de necessidade especial, garantindo assim metodologias e alternativas diferenciadas de serviços e recursos condizentes com as necessidades de cada aluno.

Entrando agora no caso do observado deste trabalho, O aluno I a qual foi observado apresenta o transtorno do espectro autista, que segundo a Cartilha Institucional do Instituto Federal da Paraíba:

Os Transtornos do Espectro Autista (TEA) decorrem de Perturbações do desenvolvimento neurológico, manifestadas geralmente a partir dos 3 anos de idade, período em que os neurônios responsáveis pela comunicação e pelas relações sociais não estabelecem as conexões tipicamente estabelecidas. (CARTILHA INSTITUCIONAL, 2017, p.3)

Esse é um simples conceito sobre o assunto. Existem características em comum em boa parte dos autistas que facilitam o reconhecimento desse transtorno, como: a) dificuldade de interação social; b) dificuldades na comunicação; c) comportamentos repetitivos; d) interesses focalizados muito específicos; e) amplificação sensorial; entre outros. Além disso, há uma diferenciação no que diz respeito ao modo como o autista vê o mundo. Sendo assim, é característica deles também levar ao pé da letra frases no sentido figura ou irônicas.

É importante frisar que o Aluno I, por sua vez, assemelha-se apenas a alguns aspectos do TEA, como os comportamentos repetitivos, facilidade de enraivecer quando está em ambientes barulhentos (sala de aula, por exemplo), focalização muito específica (principalmente em assuntos de desenho animado), e dificuldade de manter interação social. Podemos destacar também a dificuldade de aprender, que de acordo com Ribeiro (2009) é por causa do modo diferente de aprender, organizar e processar as informações que lhe são passadas. Portanto, entendemos a real importância para uma mudança na metodologia quando se diz respeito ao aprendizado do aluno com TEA.

### **A ESCOLA ROTARY COMO INCLUSIVA**

Após uma breve conceitualização do que seria uma escola inclusiva e transtorno do espectro autista, será relatada a observação feita na escola que é local onde se pôde analisar a inclusão. A escola em si é dada como referência em inclusão, pois, além de integrar alunos com diferenças físicas ou psicológicas, ela faz o atendimento dos mesmos e tem vínculo com as orientações do



CRIE (Centro de Referência em Inclusão Educacional Gabriel Lima Nunes), que disponibiliza estagiários para promover e fomentar a inclusão de alunos em situação de deficiência em salas regulares e o grupo de estudo e pesquisa INCLUDERE da UFPA, que forma futuros professores para trabalhar no seguimento da inclusão dentro de sala de aula, criando intervenções relevantes neste ambiente, facilitando assim um melhor desempenho dos alunos com deficiência e prestando assistência dentro da sala.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA E INTERVENÇÕES

Observamos durante nosso período de estágio as grandes dificuldades que o aluno I enfrenta no seu dia-a-dia dentro da escola, e a partir dessas dificuldades encontradas, podemos destacar alguns aspectos que concordamos ser bem relevantes no que diz respeito à inclusão do aluno e quais foram nossas intervenções para inserção dentro da sala de aula.

Segundo a análise no caderno do aluno I, podemos notar o desinteresse em escrever, ocasionando quase sempre em palavras com sílabas faltando ou em frases sem coerência. Como já esperado por nós, o aluno I demonstrou certa facilidade em se aborrecer ao receber ordem, ou ser contrariado, o que ocasionou certa dificuldade na proposta de intervenção para estimular a sua prática na escrita.

Um ponto que observamos e que vale ressaltar é a falta de reconhecimento por parte dos alunos dentro da sala de aula, no que se diz respeito ao seu comportamento e como tem que agir com o aluno I. Muitas vezes os mesmo acabavam desrespeitando e fazendo brincadeiras e muito barulho dentro da sala de aula, e isso se tornava rotina devido não terem o entendimento do que é o Transtorno de Espectro Autista, e quais as características os mesmo têm.

Nós como bolsista PIBID, a partir das sessões de estudos e oficinas pedagógicas a qual participamos, somos ensinados a como lidar com os alunos e incluí-los dentro do ambiente escolar, também em entender como se dá os processos para melhor promover a aprendizagem dos alunos em situação de deficiência, adaptando materiais e criando mecanismos pedagógicos que facilitem o ensino e estimule a aprendizagem desses alunos.

Com os conhecimentos adquiridos nas sessões de estudos e oficinas pedagógicas, conseguimos fazer algumas intervenções acerca dessas dificuldades encontradas no aluno e na escola. Exemplo disso foi a palestra promovida em sala de aula com o intuito de conscientizar os colegas de classes sobre o TEA e quais as principais características, demonstrando também quais as melhores formas de lidar com as pessoas autistas. Dentro dessa palestra, partindo pra prática, foi



feito um trabalho de experiência onde o aluno iria se colocar no lugar do outro, tento que fazer algumas atividades sem utilizar algumas partes do corpo, ou sem a utilização sensorial para algumas atividades. Dessa forma, os alunos conseguiram perceber o quanto é difícil para uma pessoa que tem alguma função do corpo comprometida, ser desrespeitada e o quanto é importante a ajuda de todos para um desenvolvimento conjunto

Com relação à dificuldade na escrita do aluno I, foram feitas adaptações nos conteúdos escolares através da utilização de desenhos que o aluno aprecia, estimulando a escrita do nome do desenho e a escrita da situação em que o personagem se encontra. Dessa forma, o aluno I não se irritou ao receber a atividade proposta e nem ao receber comando do que foi oferecido na tarefa. Ou seja, conseguimos promover uma forma de ensiná-lo sem irritá-lo, estimulando o desenvolvimento escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das intervenções feitas, pudemos ver o pequeno avanço que o aluno I conseguiu desenvolver no decorrer das atividades propostas. Ao mudarmos a metodologia de como passar as atividades para estimular a escrita do mesmo, percebemos o quanto essa forma de trabalho ajuda o aluno, que ao mesmo tempo tem progresso na aprendizagem da disciplina e na forma de trabalha-la.

Com relação ao problema encontrado dentro da sala de aula sobre os alunos, concluímos que para conseguir conscientizar os alunos, ou qualquer outra turma, é necessário fazer isso como uma conscientização continuada periodicamente. Dizemos isso, pois os resultados obtidos após a palestra foi bem satisfatório. Entretanto, com o passar dos dias, percebemos que aos poucos os alunos continuavam a demonstrar as mesmas atitudes. O que nos leva a acreditar na continuação cíclica dessa forma de conscientização.

Concluímos também a importância do PIBID para promover a experiência dos alunos da graduação na docência, e do INCLUDERE que tem como objetivo formar professores para trabalhar na perspectiva da inclusão. Entendemos que na atual conjuntura, as formações e sessões de estudos foram essenciais para entendermos como trabalharmos para uma escola realmente inclusiva. Também entendemos que essas experiências com a diferença mostram a importância deste programa, pois proporciona uma visão prática sobre as diversas possibilidades de incluir um aluno no ambiente escolar.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **SABERES E PRÁTICAS DA INCLUSÃO: RECOMENDAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS INCLUSIVAS**. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/const\\_escolasinclusivas.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/const_escolasinclusivas.pdf)> Acesso em: 14/09/2017

\_\_\_\_\_. Instituto Federal de Paraíba. **CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. Disponível em < [https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha\\_espectro\\_autista.pdf](https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha_espectro_autista.pdf)> Acesso em: 24/09/2017

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **ADAPTAÇÕES CURRICULARES DE PEQUENO PORTE**. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000449.pdf>> Acesso em: 26/09/2017

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.  
MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Marcia Denise; FONTES, Rejane de Sousa. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA & EDUCAÇÃO ESPECIAL: PROPOSTAS QUE SE COMPLEMENTAM NO CONTEXTO DA ESCOLA ABERTA À DIVERSIDADE**. Disponível em < <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2007/02/a5.htm>> Acesso em: 24/09/2017.

RIBEIRO, Valéria Llacer Bastos. **BREVE ANÁLISE DA COGNIÇÃO DA PESSOA COM AUTISMO E PORQUE O COMPUTADOR TEM UM PAPEL PREPONDERANTE NA EDUCAÇÃO DA PESSOA COM AUTISMO**. Disponível em <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwjF38uErsTWAhWBx5AKHsklDAAQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ufrgs.br%2Fniee%2Feventos%2FCIEE%2F2003%2Fbloque3%2Fposters%2FBreve%2520analise%2520da%2520cognicao%2520da%2520pessoa%2520com%2520autismo%2520e%2520porque%2520oco.doc&usg=AFQjCNGOSJhC-PaySWuZ4z4qMDpqggugdQ>> Acesso em: 26/09/2017

MRECH, L. **O que é educação inclusiva?** Revista Integração. MEC:Brasília, v. 8, n.20, p. 37- 39, 1998.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.